

AS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DA RESERVA BIOLÓGICA DO TINGUÁ NA BAIXADA FLUMINENSE: FORMAÇÃO CIDADÃ E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE ENSINO DE GEOGRAFIA

CLÉZIO DOS SANTOS*

RESUMO

As representações gráficas são formas de expressão dos sujeitos e no contexto escolar ganham significado maior por se tratar de um grande potencializador de ensino-aprendizagem envolvendo a linguagem gráfica e visual, o desenho e a escrita. O objetivo geral da pesquisa foi compreender e analisar as representações gráficas que alunos da escola básica de Nova Iguaçu produzem sobre a Reserva Biológica do Tinguá. Realizamos oficinas na Colégio Estadual Arêa Leão, localizado no bairro da Posse em Nova Iguaçu, um bairro próximo da Reserva Biológica do Tinguá (Rebio Tinguá) com alunos do ensino básico nos anos de 2015 e 2017. A metodologia é de cunho quali-quantitativo e presa à corrente da percepção ambiental. Apresenta um caminho que possibilita compreender os processos humanos pelo olhar dos sujeitos pesquisados, neste caso, as crianças. Assim, assumimos esta perspectiva de acordo com Santos (2016) que indica que o investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registro escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa. As oficinas são realizadas para despertar o sentimento de pertencimento nos estudantes do ensino básico, muitos destes moradores da Vila de Tinguá a partir da percepção em relação à Rebio Tinguá. A Rebio Tinguá é uma unidade de conservação próxima da escola, inclusive ela pode ser visualizada devido a altitude do maciço do Tinguá elemento geológico que domina a paisagem. Utilizamos para o registro das oficinas duas grafias: *o desenho* e *a redação* e cruzando. Essas duas linguagens estão sempre presentes na escola básica brasileira, porém devem ser constantemente associadas para atingir um potencial maior de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Unidade de Conservação, desenho.

* Prof. Dr. de Ensino de Geografia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRJ); coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGE/UFRJ); pesquisador da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Edital Universal de Ciências Humanas e Sociais. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/UFRJ).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura refletir a importância das representações gráficas no ensino de Geografia nas séries iniciais para compreensão da paisagem da Reserva Biológica do Tinguá, localizada em sua maioria na Baixada Fluminense por meio de uma cidadania territorializada e apreendida de forma cidadã na escola. Uma vez que entendemos que a alfabetização geográfica ocorre concomitantemente com a alfabetização e o letramento, e a prática do desenho se faz presente no processo, e trabalhar o ensino de Geografia e mais especificamente o ensino da paisagem com o desenho pode fortalecer a aprendizagem e, sobretudo reforçar a espacialidade dos fenômenos geográficos.

Quando a criança desenha, ela representa o mundo e os elementos que concebe do mundo e a partir do desenho podem-se construir práticas de aprendizagem geográfica a partir da noção de paisagem e espacialidade.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender e analisar as representações gráficas que alunos da escola básica de Nova Iguaçu produzem sobre a Reserva Biológica do Tinguá.

A **Reserva Biológica do Tinguá** (Rebio Tinguá) ocupa uma área atual de 26.260 hectares de bioma Mata Atlântica – Floresta Ombrófila Submontana, Floresta Ombrófila Densa Montana e Floresta Densa Altomontana – sob o Decreto nº 97.780 de 23 de maio de 1989 que regulamenta a sua criação a fim de proteger uma amostra representativa da floresta de encosta atlântica, com sua flora, fauna e demais recursos naturais, em especial os seus recursos hídricos.

A Rebio do Tinguá ocupa os municípios de Nova Iguaçu (55,14%), Duque de Caxias (37,44%), Petrópolis (4,26%) e Miguel Pereira (3,16%), como pode ser visto na figura 01.

Figura 01: Distribuição da Rebio do Tinguá por Municípios



Fonte: <http://geo-pet.blogspot.com.br> – Instituto Multidisciplinar UFRRJ

A Rebio Tinguá é uma unidade de conservação próxima da escola, inclusive ela pode ser visualizada devido a altitude do maciço do Tinguá elemento geológico que domina a reserva.

Apresentamos a pesquisa em três momentos, no primeiro comentamos a relevância da Geografia na escola básica em especial os anos iniciais, levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Já no segundo momento, destacamos os desafios da escola básica e no terceiro, analisamos as representações gráficas produzidas pelos alunos do Colégio Estadual Arêa Leão em Nova Iguaçu/RJ, que também denominamos de “grafias”.

Agradecemos a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE); e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq – Edital Universal de Ciências Humanas e Sociais, por financiarem a pesquisa.

GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DA ESCOLA BÁSICA DENTRO DO CONTEXTO DA BNCC

A pesquisa está amparada no debate sobre qual a importância da Geografia nas séries iniciais e como este processo de aprendizagem contribui para o desenvolvimento da criança. A princípio se faz necessário compreender o papel da Geografia nos anos iniciais no BNCC

Neste sentido, o lugar da Geografia nas series iniciais segundo Callai (2005, p. 229) é “aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço.” Segundo Castellar, 2005 (apud CALLAI, 2005, p. 229) ler o espaço:

Significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido e fazer essa leitura demanda uma série de condições, que podem ser resumidas na necessidade de se realizar uma alfabetização cartográfica, e esse é um processo que se inicia quando a criança reconhece os lugares, conseguindo identificar as paisagens. (CASTELLAR, 2005 apud CALLAI, 2005, p. 229)

Para tanto, a criança precisa saber olhar, observar, descrever, registrar e analisar. Atividades que são desenvolvidas e aperfeiçoadas pela escola durante o processo de aprendizagem.

A criança deve conhecer o espaço geográfico em que vive, e é através do estímulo dado pelo professor que, irá despertar a sua curiosidade. Neste pensamento entende-se que o professor é um importante intermediador de conhecimento, através de suas práticas educativas.

O professor, as suas concepções de educação e de geografia, é que podem fazer a diferença. E é a interlocução dos saberes que pode permitir esse avanço. O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamento do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona. (CALLAI, 2005, p. 231).

Sobre o desenvolvimento cognitivo Ries (2011 apud CARMO; BOER, 2014, p. 3) afirma que:

[...] para Piaget o desenvolvimento cognitivo é um processo que se realiza em todo o ser humano e tem um caráter seqüencial. Assim, ocorre uma série de estágios, sendo que através destes desenvolvimentos vai sendo construída a estrutura seguinte que será sempre mais complexa e abrangente que a anterior. (RIES, 2011 apud CARMO & BOER, 2014, p. 3)

Dado essa posição de destaque na atualidade, como a escola poder[?] dar conta de tantos afazeres? Nesse contexto, como agir para não deixar sucumbir seu projeto de formar sujeitos críticos e competentes para o exercício da cidadania?

É inevitável conceber a escola como uma representante de seu tempo. Por isso, é inevitável reorientar seu caminho para uma escola formadora e não apenas instrucional (responsável pela transmissão dos conteúdos clássicos). Nessa travessia, torna-se fundamental pensar o seu papel na constituição do desenvolvimento humano.

Sabemos que o desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo do ser humano não é apenas uma tarefa da família, mas de todas as instituições envolvidas no processo interativo de socialização pelo qual passa o ser humano. Hoje, mais do que nunca, isso inclui a escola: a instituição escolar e os agentes que compõem tal contexto.

Todas as escolas protagonizam a formação de um indivíduo crítico, que pode exercer sua cidadania e estar atento a complexidade do mundo contemporâneo. Tal projeto, necessariamente, implica uma orientação de valores e uma concepção de sujeito.

Na verdade, a escola, inevitavelmente, lida com valores e traz implícitas conceituais de sujeito/aluno: os alunos têm valores, professores têm valores, a instituição escola pressupõe valores. Desse modo, a reflexão não deve ser se a escola deve ou não trabalhar com valores, mas, sim sobre quais valores e como trabalhá-los. Do mesmo modo, toda escola tem concepções de sujeito, os professores têm concepções de sujeito, mas quais concepções vão ao encontro do desenvolvimento da criança e do adolescente? A anos, a ciência do desenvolvimento humano comprovou que o ser humano é ativo no processo de construção do conhecimento (VIGOTSKY; LURIA e LEONTIEV, 1988). Qual instituição investe numa concepção ativa de sujeito/aluno? Como promover projetos que favoreçam a verdadeira atividade do sujeito em busca do conhecimento?

DESAFIOS DA ESCOLA BÁSICA: A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A CIDADANIA TERRITORIAL

A aprendizagem significativa parece ocorrer por meio de processos: explorando, fracassando, tentando, corrigindo, obtendo dados, elaborando conjecturas, testando-as, construindo explicações, que são resultados de inferências, comparando, fazendo analogias, refletindo, uma nova experiência é comparada com outras hipóteses são criadas verificadas, confrontadas, explicadas, outras expectativas são criadas e assim por diante.

Segundo Moreira e Masini (1982), Ausubel (1968) em sua teoria da aprendizagem defende a valorização dos conhecimentos prévios dos alunos possibilitando construção de estruturas mentais por meio da utilização de mapas conceituais que abrem um leque de possibilidades para descoberta e redescoberta de outros conhecimentos, viabilizando uma aprendizagem que dê prazer a quem ensina e a quem aprende e também que tenha eficácia.

É importante salientar que é neste vai e vem que iremos preparar a criança para o exercício da cidadania e formando-o em conhecimentos, habilidades, valores, atitudes, formas de pensar e atuar na sociedade.

Considerando que a escola deve trabalhar com o conhecimento prévio e a experiência do aluno, a família precisa contribuir no processo, educando, assumindo responsabilidades, permitindo e apoiando a ação na escola básica. Esse se constitui um grande desafio educacional.

Cabe ainda ressaltar, que para que uma aprendizagem ocorra, ela deve ser significativa, o que exigem que seja vista como a compreensão de significados, relacionando-se às experiências anteriores e vivências pessoais das crianças, permitindo a formulação de problemas de algum modo desafiantes que incentivem o aprender mais, o estabelecimento de diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeamento, modificações de comportamentos e contribuindo para utilização do que é aprendido em diferentes situações.

Ensinar não é um adestramento de habilidades, como já nos mostrou Paulo Freire (1996), o autor relembra que só há aprendizagem quando houver participação consciente da criança, como sujeito do processo. Se acreditarmos realmente nisso, temos de convir que caminhamos para processos de auto avaliação. Os instrumentos de avaliação que sempre tivemos à nossa disposição são úteis e necessários. Porém, precisamos repensá-los quanto às suas funções avaliativas, não podemos acreditar que o sistema avaliativo deva ser sempre meritocrático e devemos entender que temos sistemas avaliativos diferentes como o dialógico.

A prova, por exemplo, é, sim, algo importante, mas ela avalia apenas alguns aspectos sobre aquisição de conhecimento. Não dá conta de outras dimensões que precisam ser avaliadas na formação da criança. E mesmo nela podemos entender que o mais importante não é a quantidade que a criança demonstra saber, mais a qualidade daquilo que ela está sabendo. Só por meio da auto avaliação, a criança poderá conscientizar-se de que ela é o seu principal agente avaliador as grafias podem ser momentos importantes dessa processo avaliativo dialógico.

Precisamos favorecer estes momentos durante toda a aprendizagem para que esta tenha um caráter significativo real a cada criança. Enfim, precisamos entender que nada é mais motivador do que sentir-se capaz. Quando a aprendizagem é significativa e a avaliação uma atividade formativa, ela estará sempre a serviço do sucesso. Está é uma mudança que considera a perspectiva de que a criança deseja aprender e está disposta a se mostrar e que fazer isto sem medo de ser discriminada. É hora de parar de questionar as mesmas coisas e começar a colocar em prática nossas reflexões, análises e suposições em prol de uma escola básica inclusiva, significativa e formativa. E neste movimento incluímos a construção da cidadania territorial.

Pensar o conceito de cidadania, é cogitar também, como esse conceito vem sendo des-trinchado dentro da geografia escolar, visto que essa geografia possui um papel bastante pertinente na formação cidadã, pois ela deve fazer com que os indivíduos se tornem seres pensantes, com ampla capacidade de construir competências que lhes permitam a compreensão e análise do real, a partir da exposição das causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e entender o contexto espacial dos fenômenos que vão configurar cada sociedade. Essa espacialidade, neste trabalho a denominamos de cidadania territorial, seguindo as concepções de Claudino (2014); e de Mendonça e Claudino (2016).

Porém, pensar o ensino da geografia como um dos elementos estruturantes, possuindo um papel fundamental na formação cidadã, requer uma reflexão sobre a própria formação dos docentes, já que pensar em melhorias para a educação requer que reflexão comece pelos próprios professores, pois estes devem assumir uma postura, não de mero transmissor de conhecimento, mas sim de um formador de cidadão conforme nos dirá Moraes e Santos (2013). O ensino de geografia na escola básica necessita ter como objetivo, não uma pura reprodução de conteúdo, é preciso que haja formação cidadã de acordo com Moraes e Santos (2013). Então vale destacar a importância dos conhecimentos pertinentes no ensino de geografia em mundo onde ocorrem rápidas transformações referentes à globalização e à tecnologia. Conforme dirá Morin (2005, p.86) é preciso que o conhecimento pertinente não esteja fundado

em uma sofisticação, mas que esteja pautado em uma contextualização do saber, pois vai ser a contextualização que tornará possível o conhecimento pertinente.

Contudo, existem evidências de que muitos professores estão constantemente procurando diferentes metodologias, no entanto apesar das evidências “[...] há também indicativos de que os professores, e os diferentes agentes educativos da escola, têm pouco espaço e pouco tempo em sua jornada de trabalho para encontros coletivos e colaborativos entre si [...]” (CAVALCANTI, 2012, p.129). Logo, um dos objetivos desse trabalho, será o de romper com essa lógica, pois se propõe uma intensa interdisciplinaridade e envolve uma grande mobilização tanto da escola, quanto da universidade, bem como dos órgãos públicos.

A escola é um dos elementos estruturantes para uma formação cidadã, porém está longe de ser a única instituição capaz formar para o exercício da cidadania. Um fato curioso é que Durkheim (2011) já havia pensando à escola como esse elemento formador de cidadãos, pois é verdade que, Durkheim (2011) em sua sociologia deu lugar de destaque para a educação, que era tema de muito interesse no seu tempo. Um lugar de destaque para esta instituição social que lhe parecia ter funções sociais muito importantes na construção dos valores da cidadania, no entanto é necessário frisar que,

A escola [...], não é a única instância de formação de concepções e práticas da cidade, habilidades básicas no exercício da cidadania. As práticas de organização e gestão da cidade, os resultados dessas práticas e a própria experiência cotidiana são também formadores de cidadania. Em outras palavras, o cidadão se torna cidadão com a contribuição de várias instâncias, destacando-se a escola. (CAVALCANTI, 1999, p.41)

Partindo desse princípio é necessário que o trabalho proposto leve em consideração os conhecimentos dos alunos, no entanto a ideia é que os próprios estudantes façam um levantamento dos problemas encontrados não só ao redor da escola, bem como em todo o município e eles mesmos possam construir uma reflexão acerca das possíveis soluções para as questões levantadas.

Nessa perspectiva, cidadania está ligada à participação da vida coletiva incluindo reivindicações de inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos mais amplos para melhores condições de vida e de sobrevivência. Trata-se de uma noção de cidadania que “exercita o direito a ter direitos, aquela que cria direitos, no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública. (CAVALCANTI, 2001 apud CAVALCANTI e SOUZA, 2014, p.5)

Essa noção de cidadania de se exercitar o direito a ter direito casa muito bem com a fala de Santos (2007, p.20) quando ele diz que, cidadania é algo que se aprende e que para ser válida deve poder ser reclamada e que não basta ser um estado de espírito ou uma declaração de intenções, para o autor ela tem seu corpo e seus limites como uma situação social, jurídica e política e para ser mantida pelas gerações sucessivas, e para ter eficácia e ser fontes de direitos, ela deve se inscrever na própria letra das leis [...], então pensando nisso, por que não, desenvolvermos uma consciência crítica em nossos alunos e ajudá-los no que tange a exercício pleno da sua cidadania.

É certo que pensar “la formación de sujetos ciudadanos o sea, la constitución de sujetos políticos, de sujetos Morales, es pensar la identidad en la relación con los otros” (LEDESMA, 2013, p.550) e de forma alguma a realidade virtual busca romper com essa lógica de coletividade, muito menos tenta romper com as práticas e experiências reais de cidade.

O cidadão democrático, ativo, criativo, consciente de seus direitos políticos, sociais, culturais, individuais, territoriais, precisa conhecer a cidade, precisa compreendê-la com profundidade, precisa decifrar seus símbolos, precisa desenvolver um sentido ético e estético sobre ela, para que possa lutar e conquistar seus direitos cívicos e sociais e cumprir com os deveres, individual e coletivamente. (CAVALCANTI, 1999 p.45)

Para Cavalcanti (1999, p.41) o exercício da cidadania na sociedade atual em que vivemos, requer uma concepção, uma experiência, uma prática – comportamentos, hábitos, ações concretas de cidade, pensando nisso, é possível que o uso da realidade virtual seja um forte contribuinte no que concerne ao exercício da cidade, pois possibilita uma experiência e uma prática virtual e real. Sendo possível através da realidade virtual vivenciar situações cotidianas e produzir possíveis soluções para tais problemas. A discussão a respeito de uma formação cidadã e o seu liame com a geografia escolar, está longe de se esgotar é necessário uma busca incansável por novas metodologias que corroborem com uma aprendizagem significativa da geografia que seja capaz de tornar o indivíduo completo que tenha a capacidade de entender o mundo e que, se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos, conforme Santos (1996/1997 p.133).

Dessa forma a cidadania pode ser construída como processo, especialmente na escola básica, e na atividade com as grafias que destacamos como cidadania territorial pois nossa preocupação se repousa na grafia da Rebio Tinguá feito por aluno da escola básica de Nova Iguaçu/RJ

AS REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DA REBIO TINGUÁ FEITO POR ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA

As representações gráficas, como temos trabalhado neste texto é a expressão dos sujeitos e no contexto escolar que ganham significado maior por se tratar de uma grande potencializador de ensino-aprendizagem, envolvem a linguagem gráfica e visual, e se expressam pelo desenho e pela escrita.

Os desenhos fazem um chamado a cuidar, para assim continuar produzindo frutos, porém, não associam o elemento humano como parte da paisagem. Traçam uma linha de base. Mas não apresentam interrelações entre homem e a paisagem.

Segundo Callai (2005, p. 229) o lugar da Geografia nas series iniciais é “aprender a pensar o espaço. E, para isso, é necessário aprender a ler o espaço.” Durante a oficina apesar da pouca indicação dessa relação homem e paisagem, o processo de mediação do ensino permitiu que fizéssemos as relações e apresentações a importância que o ser humano possui na produção da paisagem, na mudança do lugar e nas transformações.

Conforme Santos (2016) trabalhar com desenhos é trabalhar com novas formas de ver, compreender e verificar as próprias ideias. O indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio. O trabalho mostrou a potência que a atividade possui e o quão rico pode se tornar trabalhar com desenhos para compreender e ler o espaço.

Autores como Paganelli (1998), Peraya (1996) e Miranda (2005) apontam a relação histórica do desenho com a Geografia através da tradição dos croquis, esquemas gráficos de arranjos espaciais, esboços traçados no papel em observações de campo, como formas de estudo e registro das paisagens, dos lugares, das extensões, distribuições e localizações. Segundo Miranda (2005, p. 56) destaca que:

O desenho nessa tradição geográfica envolve uma relação cognitiva e corporal com os elementos/objetos do espaço através do olhar-ver, do gesto, do traço, da atenção ao conjunto e aos detalhes, em um movimento do corpo e do pensamento, entre a observação e a apreensão de um todo em suas linhas gerais formando uma estrutura, a abstração e a análise, pelo isolamento de elementos selecionados, e a elaboração de uma síntese na composição do conjunto pelo traçado no papel.

Nos trabalhos de Santos (2016) e Pereira e Mascarenhas (2016), o desenho na geografia é explorado pelas representações possíveis, especialmente no desvendar da paisagem e do lugar. Essas abordagens apresentam reflexões acerca do tema paisagem no mundo da criança procurando evidenciar a importância do desenho no ensino de Geografia nas séries iniciais.

Segundo Pereira e Mascarenhas (2016). O desenho revela muito mais que apenas uma ilustração é uma forma de expressar o que aluno apreendeu durante a aula e/ou oficina. O que está visível revela e o que também não foi expresso em imagens é revelador. Os elementos presentes no desenho são portadores de uma linguagem e expressam aquilo que foi mais marcante para o aluno, mas também é fundamental perceber o que não foi expresso, não foi representado e, portanto, não foi percebido a ponto de se fazer presente. É o conhecimento adquirido durante a vida e seu cotidiano, que estará representado no desenho do aluno, são as conexões, as inter-relações, as redes e as tessituras do processo de ensino-aprendizagem.

Os desenhos e relatos que vamos analisar, foram feitos por 42 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Arêa Leão no bairro da Posse, no município de Nova Iguaçu próximo da Rebio Tinguá durante duas oficinas realizadas no segundo semestre de 2018. As oficinas foram realizadas durante as aulas de Geografia desse segmento.

Os desenhos P e Q (Veja figuras 02 e 03) representam muito do que está no imaginário dos moradores de Nova Iguaçu sobre a reserva em especial os que moram próximo a reserva, um caminho que leva a porta de entrada do parque como um local a ser visitado, porém na teoria isso não ocorre por ser uma unidade de conservação que proíbe a visitação. Esse acaba sendo um grande embate entre os moradores próximos que extrapola para todos os municípios iguaçuanos: o questionamento do uso desse espaço.

No desenho P temos o portal de entrada da reserva, um local que na teoria não se entra, pelo menos para a população em geral e no desenho Q temos a estrada do Tinguá cheia de bicicletas, de um ônibus do transporte coletivo cuja empresa também se chama Tinguá e esse caminho com suas bicicletas e ônibus vão em direção a entrada do parque e de seu lago.

Figura 02: Desenho P

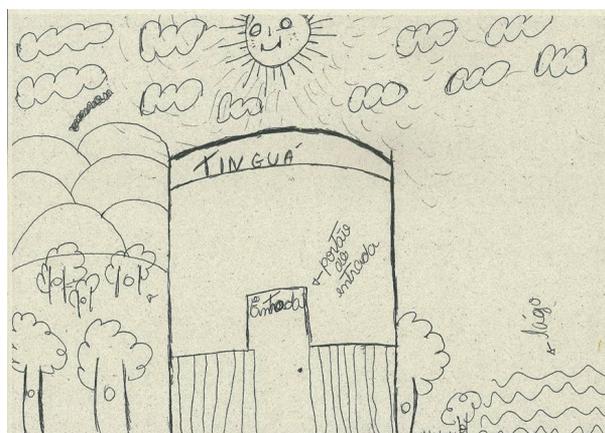
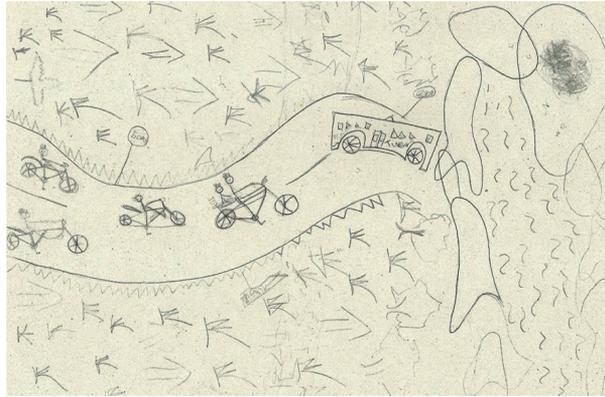


Figura 03: Desenho Q



Os animais estão sempre presentes nos desenhos, cerca de 82% dos alunos os representaram com destaque para os pássaros e em seguida serpentes e macacos. Podemos ver os pássaros no desenho R e S, e de outros animais no desenho R (Figura 04).

Figura 04: Desenho R

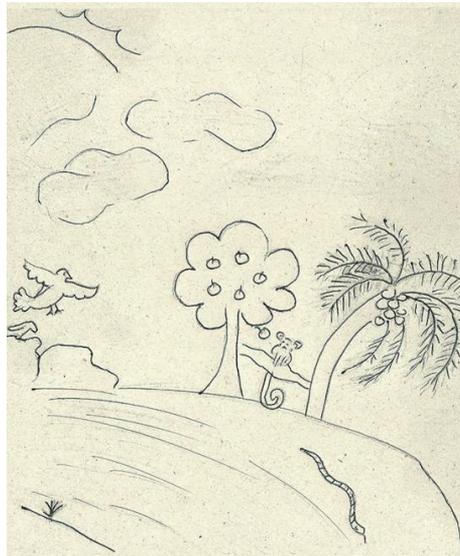
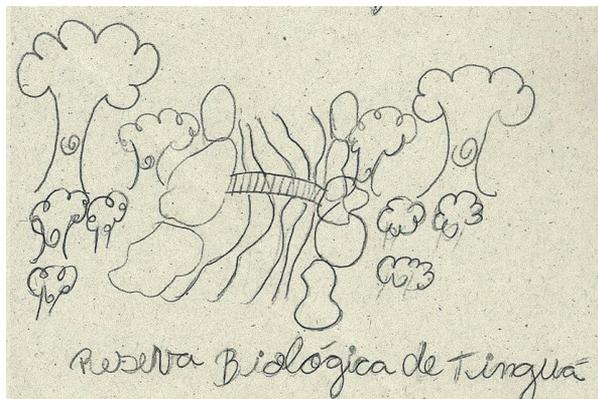


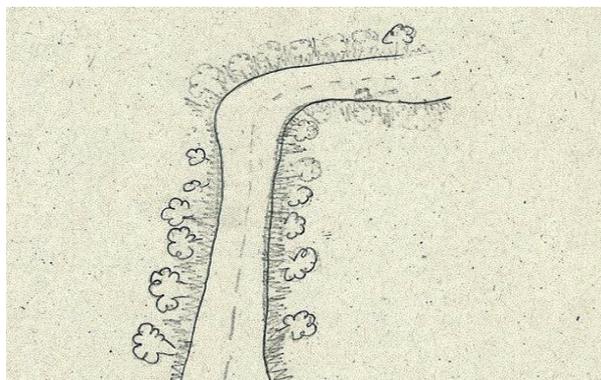
Figura 05: Desenho T



Nos desenhos T e U (Figuras 05 e 06) temos duas grandes riquezas e potencialidades da Reserva quando pensamos no uso da comunidade. Apesar de ser restritivo, temos a vegetação e os recursos hídricos como carro chefe de explorar a vida como um todo na reserva principalmente pelas trilhas que são inúmeras espalhadas pelo parque.

No desenho U (Figura 06) as pistas são destacadas, mas quando indagamos ao aluno sobre a pista desenhada essa confunde com a antiga estrada do Tinguá que fica no imaginário dos alunos e moradores de Nova Iguaçu, que mesmo que não frequente esse local eles lembram desses caminhos.

Figura 06: Desenho U



Um elemento de destaque nos desenhos dos alunos foram as inúmeras quedas de água presentes na reserva Biológica do Tinguá, pois essa unidade de conservação é famosa por suas nascentes que a décadas alimentam de água a cidade do Rio de Janeiro. Essas quedas de água mesmo que não visitadas estão no imaginário dos alunos via conversas e imagens que são veiculadas pela mídia regional e local sobre a o Tinguá. As cachoeiras estão representadas em 55% dos desenhos e destacamos os desenhos X e Y (respectivamente as figuras 07 e 08). Nestes desenhos, curiosamente o imaginário e o uso, demonstram a presença constante de pessoas se banhando na cachoeira. No desenho X (Figura 07) a cachoeira é utilizada como escurregador enfatizando mais ainda o uso de lazer dos moradores. Porém explicita uma grande contradição pois não é permitida essas atividades na Rebio Tinguá.

Figura 07: Desenho X

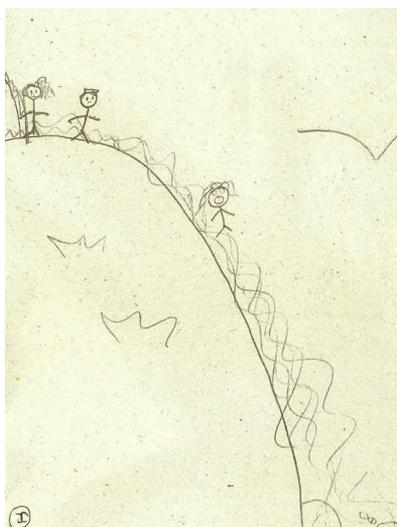
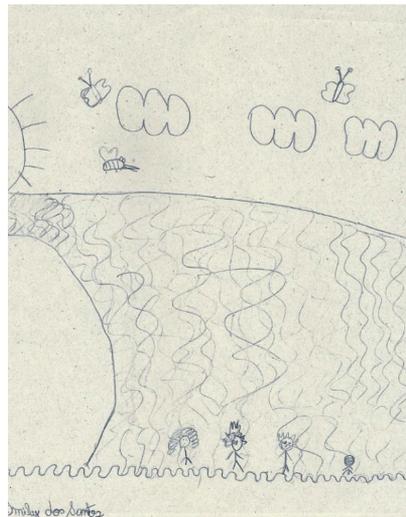


Figura 08: Desenho Y



Os relatos sobre a Rebio Tinguá são inúmeros, mas se destaca num primeiro momento a exaltação pela natureza presente em 45% dos relatos como algo importante que deve ser preservada. Isso fica claro no relato A e B (Figura 09 e 10), a natureza como algo exuberante e linda que precisa ser conservada.

Figura 09: Relato A

Tinguá mudou bastante com o meu (C)
conhecimento. Certo tinha com outra forma
não se de saber mas sim de uma forma
gem ainda que precisa de conservação.

Figura 10: Relato B

Basicamente é o lugar onde tem mais natureza (D)
~~onde~~ em Nova Iguaçu. É um lugar muito bo-
nito que atrai as pessoas a conhecê-la.

Os relatos são identificados em dois momentos o antes da oficina e o posterior a apresentação da Reserva Biológica do Tinguá pela equipe da pesquisa. Em bancos os relatos C e D (figuras 11 e 12), temos os apontamentos de elementos que estão presentes na reserva de Tinguá associada a lugar de fuga, diferente do restante da cidade e logo depois da exposição sobre o Tinguá temos um posicionamento político de proteção desse espaço.

Figura 11: Relato C

* Tinguá *

(A)

É um lugar em que eu conheço. Sabe-se tem ar
 raras. Sachaliso, natureza em que podemos se sentir um
 esquecer problemas, fazer planos, com a maior tranqui-
 lidade, apesar de sítio bastante diferente, de antigamente. Quando
 meus pais me levaram, a falta da água ~~mas~~ cachoeiras,
 a redução etc...

O que entendi sobre o Tinguá → que é muito mais que um
 lugar é um lugar muito importante mas para o país
 como para o mundo bagagem em geral.

Figura 12: Relato D

Tinguá

(1)

Um lugar com bastante variedade.
 Apesar de ter lugares bem bonitos onde
 podemos estudar as matúria onde
 podemos esquecer nossos problemas
 um lugar que parece trazer tranquilidade

O que entendi de presença umais onde
 metemos e um Tinguá temos que lutar
 umais desenvolver luta pelo que temos antes
 que seja tarde.

No relato E, veja figura 13, temos uma preocupação com o uso desse espaço, não exatamente da reserva em si mais do seu entorno. São apontados alguns problemas típicos das periferias relacionados a questão da segurança e a necessidade de uma legislação específica que proteja ainda mais essa área.

Figura 13: Relato E

Gosto do dos vícios, o centro do Tinguá
 e um conhecido. A reserva também, apesar
 de ser muito valorizada por algumas
 pessoas acho bonito, claro, sem essas
 festas com funk. Acho até que de-
 veria acabar o termo Tinguá mais valo-
 rizado, um park e amenizar alguns los-
 sos também estão perigosos, acidentes
 aliás não acontecendo. Uma lei seria
 seria bom.

(F)

Os relatos G e H (figuras 14 e 15) são mais diretos utilizando a linguagem textual utilizada pelos quadrinhos temos no relato G um balão que imagina algo e uma frase é comunicada

exaltando o lugar e demonstrando a preocupação em relação a ele e já no relato H apenas um balão chama a atenção para a área o Tinguá.

Figura 14: Relato G

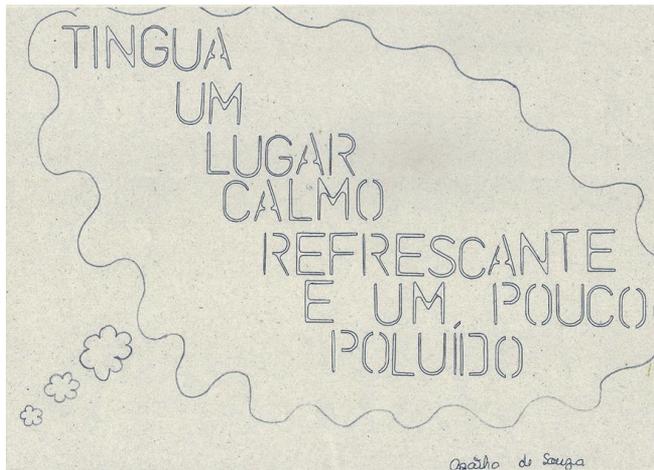
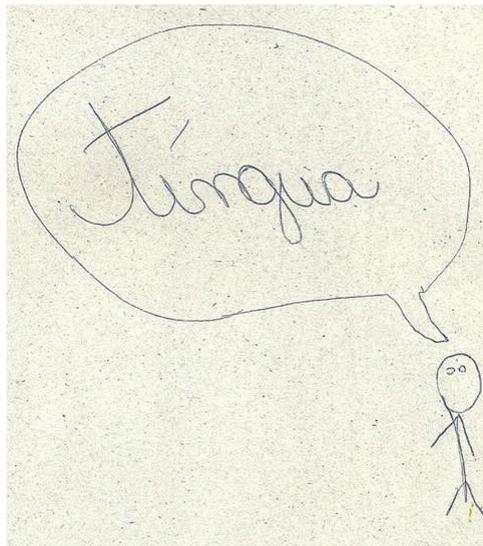


Figura 15: Relato H



Uma contradição eminente, pois de um lado temos a defesa do uso desse território como área de lazer para toda a comunidade, seja do entorno da Rebio Tinguá como de toda a Baixada Fluminense e por outro a defesa de preservação e da natureza desse local com mais ênfase e coibições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desenhos do Tinguá, representam muito do que está no imaginário dos moradores de Nova Iguaçu sobre a reserva em especial os que moram próximo a reserva, um caminho

que leva a porta de entrada do parque como um local a ser visitado, porém na teoria isso não ocorre por ser uma unidade de conservação que proíbe a visitação. O não entendimento sobre o que é uma Reserva Biológica acaba sendo um dos grandes embates entre os moradores do entorno, presente nos desenhos dos alunos.

Quando o aluno faz um desenho ele tem que se libertar do aspecto sensorial da linguagem e transcrever em imagens. Utilizando seu conhecimento sobre o assunto, sua memória e imaginação para fazer o desenho. Assim, montando um contexto de imagens ligando um ao outro formando um só elemento.

Os relatos escritos pelos alunos, destacam a exaltação pela natureza, presente em 45% dos relatos. Destacando a necessidade da preservação da Rebio. São apontados alguns problemas típicos das periferias relacionados a questão da segurança e a necessidade de uma legislação específica que proteja ainda mais essa área.

As grafias demonstram uma contradição eminente, pois de um lado temos a defesa do uso desse espaço como área de lazer para toda a comunidade do entorno da Rebio e por outro a defesa de preservação e da natureza desse local com mais ênfase e coibições, entendemos esses posicionamentos como expressões de cidadania territorializada da Rebio Tinguá/RJ a partir de um processo de aprendizagem significativa.

Devemos cruzar as representações gráficas (escrita e desenho), pois ambas apesar de estarem muito presentes na escola básica brasileira, caminham dissociadas, dificultando o potencial de aprendizagem e a construção da cidadania pelos alunos.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D.P. *Educational psychology: a cognitive view*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Caderno Cedes*. Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.
- CARMO, E. S. do & BOER, N. Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva interacionista de Piaget, Vygotsky e Wallon. *Artigo Enedina*. Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, p. 01-10, 2014.
- CAVALCANTI, L. S. A cidadania, o direito a cidade e a geografia escolar - elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. *GEOUSP: Espaço e Tempo*, São Paulo, n. 5, p. 41-55, apr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123346/119683>>. Acesso em: 5 de mar 2018.
- CAVALCANTI, L. S; SOUZA, V. C. de. A formação do professor de geografia para atuar na educação cidadã. Universidade Federal de Goiás/Brasil *Anais*. XIII Coloquio Internacional de Geocritica El control del espacio y los espacios de control Barcelona, 5-10 de mayo de 2014. Disponível em:< <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Lana%20de%20Souza.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2017.
- CLAUDINO, S. Escola, Educação Geográfica e Cidadania Territorial. *Anais*. XIII Coloquio Internacional de Geocritica El control del espacio y los espacios de control Barcelona, 5-10 de mayo de 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/19925/15134>>. Acesso em: 15 fev. 2018. doi:<https://doi.org/10.12957/tamoios.2015.19925>.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. DECRETO Nº 97.780 DE 23 DE MAIO DE 1989, *Criação da Reserva Biológica do Tinguá*. Brasília: DF, maio de 1989.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEDESMA, X. R. Que História, para qual Cidadania? O Ensino de História na Educação Básica no México. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, V.8, n.2, p. 537-558, jul./dez. 2013.

MENDONÇA, Sandra; CLAUDINO, Sérgio. “Projeto “Nós propomos!”: uma rede crescente de cidadania territorial”. *Anais. XVIII Encontro Nacional de geógrafos a construção do Brasil: Geografia, ação política e democracia*. São Luís/ Ma. 24ª 30 de jun 2016.

MIRANDA, Sérgio Luiz. *O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2005.

MORAES, B.B.S e SANTOS, L. dos. Geografia e a formação da cidadania. In: FERRETI, O; CUSTÓDIO, G. A. (Orgs). *Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2013*. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Bruna-e-Lucas3.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018. <http://nepegeo.ufsc.br/files/2014/06/Artigo-Bruna-e-Lucas3.pdf>.

MOREIRA, M.A. e MASINI, E.A.F.S. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982.

MORIN, Edgar; ALMEIDA, Maria da Conceição de Almeida; CARVALHO, Edgard de Assis Carvalho (Orgs.) *Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. 3.ed. São Paulo: Cortez: 2005.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. *Paisagem, uma decifração do espaço-tempo social: as representações da paisagem da cidade do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998

PERAYA, Daniel. Ler uma imagem. Tradução de Alain P. François. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 56, Caderno CEDES, dezembro/1996, p. 502-505.

PEREIRA, C. A. R; B; MASCARENHAS, J. N. A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Tamoios*, v.12, n.2, 2016, pp.33-90.

SANTOS, C. O desenho do lugar: uma experiência da Geografia da infância na baixada fluminense. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 6, n. 11, p.185-207, jan./jun., 2016.

SANTOS, M. Cidades mutiladas. In: CARDOSO, R et al. *O preconceito*. Júlio Lerner editor. São Paulo. Imprensa oficial do estado. 1996/1997. Disponível em:< http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-cidadanias-mutiladas_MiltonSantos1996-1997SITE.pdf> Acesso em: 15 mar. 2018

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

UFRRJ-GEO-PET. *Reserva Biológica do Tinguá* (Blog Internet) Consultado em 12/03/2019. Disponível em <http://geo-pet.blogspot.com/2011/>

BIBLIOGRAFIA

VIGOTSKY, L. S; LURIA, A. R; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

ABSTRACT

The graphic representations are forms of expression of the subjects and in the school context gain greater meaning because it is a great potentializer of teaching-learning, the spellings involves the graphic and visual language, and it is expressed by the design and Writing. The general objective of the research was to understand and Analyze the graphic representations that students of the elementary School of Nova Iguaçu produce on the Tinguá Biological Reserve (Rebio Tinguá). We conducted workshops at the Arêa Leão State College, located in the neighborhood of Posse in Nova Iguaçu, a neighborhood near the Tinguá Biological

reserve with elementary school students in the years 2015 and 2017. The methodology is of a quali-quantitative nature and attached to the current environmental perception. It presents a path that allows to understand the human processes by the look of the subjects surveyed, in this case, the children. Thus, we assume this perspective according to Santos (2016) that indicates that the researcher introduces himself in the world of people he intends to study, tries to know them, get to know and gain his confidence, elaborating a written and systematic record of everything that which hears and observes. The workshops are held to awaken the feeling of belonging in elementary school students, many of these residents of the village of Tinguá from the perception in relation to Rebio Tinguá. Rebio Tinguá is a conservation unit close to the school, including it can be visualized due to the altitude of the Tinguá massif geologic element that dominates the landscape. Two spellings were used to register the workshops: drawing and writing and crossing. These two languages are always present in the Brazilian elementary school, but they must be constantly associated to achieve greater learning potential.

KEYWORDS

Geography Teaching, Conservation unit, drawing.